



DO CESTO DE COSTURAS À MÍDIA IMPRESSA

Análise da participação de mulheres na imprensa feminina paulistana

Revista Feminina (1914/1936)”¹

Profa. Dra. Bárbara Heller

Doutora pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Docente no Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista (Unip)

O passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

(Homi Bhabha, 2001, p. 27)

Introdução

A mídia impressa tem sido objeto de vários estudos acadêmicos no Brasil. Basta consultar o banco de teses das universidades brasileiras ou os *sites* das suas bibliotecas para localizarmos trabalhos que tratam desde os primórdios da imprensa no Brasil, até a revista *Caras*, atualmente em circulação.

Neste sentido, o texto que apresentarei a seguir segue uma espécie de tradição nos estudos voltados à área de comunicação, pois estarei focando a *Revista Feminina*, periódico mensal feminino, publicado em São Paulo de 1914 a 1936.

O que pretendo analisar com maior acuidade é a relação que este periódico criou com seu público leitor, constituído em sua imensa maioria por mulheres dos mais variados recantos do país até meados do século XX, uma vez que a *Revista Feminina* se dizia voltada para o público feminino e era distribuída por boa parte do território nacional².

Como diz Barzotto:

¹ - Uma versão anterior deste texto foi publicada pela editora Arte e Ciência, com o título: “‘Jardim Fechado’ – a voz das leitoras da *Revista Feminina*”, em 2002. A versão atual apresenta diversas alterações e acréscimos.

² - Ainda não foi possível verificar se, de fato, eram mulheres as leitoras e assinantes preferenciais deste periódico. Mesmo assim, até prova contrária, preferi trabalhar com a perspectiva de que a *Revista Feminina* tinha as mulheres como seu maior público.

Uma revista periódica é um veículo que permite uma aproximação maior, mais rápida e, ao mesmo tempo, mais efêmera que o livro, entre leitores e a equipe editorial. Em função disso, é característica desse veículo apresentar uma seção reservada aos leitores [...]. (Barzotto, 1999, p. 141).

Tal trecho, que faz referência à revista *Realidade*, editada no Brasil entre abril de 1966 e janeiro de 1976, pela Editora Abril, também pode ser aplicada na análise da *Revista Feminina*. É na seção interna de tal periódico, intitulada “Jardim Fechado”, destinada à publicação de cartas e de trechos literários produzidos pelas assinantes, que podemos observar o que Barzotto chamou de “aproximação maior entre leitores e equipe editorial”. Isto porque, na correspondência trocada entre as leitoras e entre elas e a redação do periódico, podemos observar vários comentários que tecem a respeito de livros, de educação das filhas, dos cuidados com a saúde, com a beleza e com o casamento, para citar apenas alguns dos temas mais recorrentes.

Quando algumas cartas deixam de ser respondidas pelas prováveis assinantes, é possível deduzir que a própria direção da *Revista* assume esta função, como sugere o seguinte trecho, anônimo:

Verificando que nenhuma das colaboradoras do ‘Jardim Fechado’ respondeu a Ivete (Piracicaba), em que o n. 54 da *Revista* desejava saber o lugar exato em que faleceu o Marquês de Pombal, posso informar que o mesmo morreu na Vila Pombal (Leiria, Portugal), provavelmente no ‘Castelo de Pombal’ existente naquela vila. (*Revista Feminina*, agosto 1919, n. 63.)

Assim sendo, minha pesquisa tem como proposta analisar, a partir do cruzamento de algumas destas cartas, como se deu a participação da mulher na imprensa paulistana, elegendo, neste caso, apenas a *Revista Feminina*, cujo maior mérito, para efeito deste trabalho, reside no fato de ter publicado mensal e regularmente por mais de duas décadas³, num período ao longo do qual raramente a imprensa feminina sobrevivia a poucas edições seguidas.

³ - Conforme Mascaro, apenas em julho de 1924 é que a *Revista* deixou de ser publicada, em virtude da revolução de 1924, ocorrida em São Paulo no mesmo ano (MASCARO, 1982, p. 3.).

Para compreender melhor a importância cultural da *Revista Feminina*, publicação feminina brasileira ainda pouco estudada nos meios acadêmicos⁴, quero adotar a perspectiva adotada por Homi K. Bhabha:

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas [...] estão em profundo processo de redefinição. O extremismo odioso do nacionalismo sérvio prova que a própria idéia de uma identidade nacional pura, ‘eticamente purificada’, só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contigentes de nacionalidade [*nationhood*] moderna (Bhabha, 2001, p. 24).

A partir desta perspectiva, pode-se atribuir à *Revista Feminina* uma importância que ainda não lhe foi conferida, uma vez que ela também colaborou na constituição do processo cultural brasileiro nas décadas de 20 a 30, isto é, fez parte do que Homi Bhabha chama de “entrelaçamentos da história” e de “fronteiras contigentes da nacionalidade”. Embora não faça parte dos textos canônicos que ajudaram a construir a identidade e a cultura nacionais⁵ – discussão já iniciada por José de Alencar, no Romantismo brasileiro –, não se pode negar a colaboração para a formação cultural do país de um periódico que publicou regularmente, por 24 anos, edições que até hoje podem ser consultadas⁶.

Afinal, como ainda diz Homi Bhabha,

Cada vez mais, as culturas nacionais estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas (Bhabha, 2001, p. 25.).

Se lembrarmos que 80% das mulheres brasileiras até o final dos anos 20 no Brasil eram analfabetas segundo os censos oficiais da época, parece pertinente considerá-las como uma “minorias destituída”, sem direito à palavra escrita.

No entanto, embora esta hipótese pareça verossímil, pois reforça o que a história social da mulher no Brasil vem afirmando sobre a pouca participação das brasileiras no mundo

⁴ - Exceção deve ser feita a Sonia Mascaro, autora da dissertação de mestrado *A Revista Feminina: imagens da mulher (1914-1930)*, defendida em 1982. (Ver bibliografia.)

⁵ - Não pretendo neste texto discutir a formação de uma cultura brasileira. Para isso, vale a pena ler “Cultura brasileira, culturas brasileiras”, de Alfredo Bosi. (Ver bibliografia.)

⁶ - As edições completas da *Revista Feminina* encontram-se em perfeito estado de conservação e podem ser consultadas no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP).



cultural até a segunda metade do século XX, é digno de nota observar que a *Revista Feminina* parece contradizer tal versão. Basta lembrar que o número de assinantes mulheres cresceu significativamente entre 1914 e 1917: em 1914, contava com 4.235 assinaturas e, três anos depois, com 14.468, ou seja, três vezes e meia a mais que em 1917. Além disso, muitas leitoras, das mais variadas partes do país, começaram a escrever na seção “Jardim Fechado” a respeito de livros, poesia, leitura, casamento e estética. São tantas as colaborações, que não se pode mais afirmar com tranqüilidade que as mulheres estavam intelectualmente despreparadas para exercer o direito de se corresponder e até de publicar suas produções literárias, conforme veremos mais adiante.

O que estou tentando mostrar é que, por se tratar de um material produzido no passado em nosso país, ele tem o mérito de permitir redescrever nossa contemporaneidade. Não se trata mais de interpretar o presente porque conhecemos nossa história progressa, mas de

um encontro com o ‘novo’ que não seja parte do
continuum de passado e de presente. (Bhabha, 2001, p. 27)

A idéia que está sendo modestamente proposta neste texto é a de “passado-presente”, ou seja,

[uma tradução cultural que] não apenas retoma o
passado como causa social ou precedente estético; ela renova o
passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que
inova e interrompe a atuação do presente. (Bhabha, 2001, p. 27)

Assim sendo, quero deixar claro que o que está sendo proposto neste trabalho é uma espécie de revisão do passado cultural brasileiro, no que diz respeito à participação feminina. Talvez elas não tenham se calado, mas foram caladas pela história oficial. Se essa hipótese for um dia confirmada, talvez tenhamos mais condições para reavaliar o papel que as mulheres atualmente vêm desempenhado no Brasil atualmente, não só na história cultural, mas também na história política⁷.

⁷ - Embora não seja do escopo deste trabalho, não consigo evitar o comentário de que as mulheres ainda são a grande minoria nos cargos de primeiro escalão do governo Lula. Até no dia da posse do nosso atual presidente, as mulheres praticamente ficaram em segundo plano, com aparições eventuais nas mídias impressa e eletrônica. Isto, com certeza, tem um significado que merece ser estudado.

Jardim Fechado

É a partir de 1917, quando a *Revista* já possui um bom número de assinantes – 14.400, segundo dados fornecidos pela próprio periódico --, que tal seção passa a entrar em funcionamento. A propósito do título da seção, encontra-se na edição de fevereiro de 1918, no número 45, o seguinte comentário:

(Inserir figura 16)

Em outras palavras: a *Revista Feminina* tinha como propósito privilegiar a prática da leitura e da escrita de suas assinantes, possivelmente em detrimento das eventuais leitoras. Isto pode ser entendido como uma espécie de sedução para que as mulheres não-assinantes se tornassem assinantes, ganhando, junto com a assinatura, o direito de publicar, antes privilégio exclusivo dos homens.

O apelo para que as leitoras se tornassem assinantes são inúmeros, bastante variados e, aparentemente, bem-sucedidos, como podemos observar na imagem que segue:

(Inserir figura)

Como se pode observar, diversos colaboradores e colaboradoras, das mais variadas regiões do país, prestam contas à direção da *Revista* sobre as novas assinaturas que conseguem angariar. Como nem todas as assinaturas são de mulheres, podemos pensar na seguintes hipóteses, pelo menos: 1. Também havia homens que se interessavam tanto pelo periódico, que compravam uma assinatura; 2. nem todas as mulheres tinham permissão familiar para ter seus nomes publicados e, por isso, talvez seus pais, maridos ou irmãos emprestavam seus nomes próprios para evitar maiores constrangimentos.

Se lembrarmos que em 1917 havia aproximadamente 14.400 assinantes, é bastante significativa uma tiragem de 20 a 25 mil exemplares no ano seguinte, o que significaria 1.7 exemplar para cada assinante. Isto é: se as informações numéricas estiverem corretas e se se estimar que para cada assinante publica-se um exemplar, pode-se considerar um aumento de pouco mais de uma vez e meia de assinantes em um ano apenas.

Não se pode atribuir única e exclusivamente ao “Jardim Fechado” o provável aumento do número de assinantes, mas, por outro lado, não se pode ignorar a colaboração que as condições impostas nesta seção deram para, no mínimo, garantir a manutenção do periódico.

Já em fevereiro de 1918 encontramos na matéria intitulada “Nossa Filial no Rio”, sem assinatura, comentários sobre o enorme sucesso da *Revista*, a inauguração de uma filial no Rio de Janeiro e o aumento do número de páginas do periódico. Como se isso não bastasse, o texto ainda enfatiza o aval que a *Revista* ganha da Igreja Católica, mérito de quem divulga a “verdadeira literatura do lar católico” não só no interior de suas páginas, como no acervo de “mil e cem volumes de literatura, obras domésticas e científicas, que se acham [na sede da *Revista*] à disposição das assinantes”.

Ainda segundo o mesmo texto, tantas melhorias foram possíveis graças ao dinheiro proveniente da venda de assinaturas cada vez mais eficiente, como podemos observar na seguinte imagem, de 1918:

(Inserir figura)

Em novembro de 1917 encontramos a reprodução de uma troca de correspondência entre D. Maroquinhas Silva, de Goiás, uma assinante, e D. Virgilina, de São Paulo, diretora da *Revista*:

Boa amiga D. Virgilina. Visito-a afetosamente. Em meu poder descansa sua carinhosa cartinha de 05 de março p.p que veio acompanhada dos recibos correspondentes ao meu último pedido de assinaturas e do certificado de remessas do Delamarche. Há muito o recebi e peço à amiga o desculpar-me de ainda não ter manifestado os meus mais sinceros agradecimentos.

Nota-se neste trecho o tom terno da remetente, manifestado não só pelas palavras “afetosamente” e “carinhosa”, como também pelo emprego do diminutivo em “cartinha”. Ainda que este trecho trate mais de assuntos, digamos, relacionados à esfera comercial da *Revista*, pois fala-se de “recibos”, “assinaturas” e “certificado de remessas”, o tom é de intimidade, pois a remetente chama de “amiga” a diretora da *Revista*.



Tais observações, no entanto, não desmerecem a iniciativa epistolar de D. Maroquinhas, numa época em que era pouco usual as mulheres assinarem e publicarem suas cartas.

Embora não se possa considerar a mulher alfabetizada apenas porque sabe assinar, como mostra Chartier (2001) no caso francês, as habilidades de escrever e de assinar permitem considerá-la leitora com competência suficiente de leitura, também no Brasil:

(...) se todos os homens que sabem assinar podem, sem dúvida, ler, pelo contrário, nem todos os que sabem ler podem assinar. Portanto, não é possível restringir a capacidade de leitura das sociedades tradicionais apenas às porcentagens de alfabetização, classicamente calculadas.

(...)

(...) não se devem descartar as mulheres da população das leitoras potenciais confiando apenas em seus medíocres índices de alfabetização, calculados a partir das suas assinaturas (por exemplo, apenas 14% na França do fim do século XVII). Como para os homens, a aptidão para a leitura não é reduzida a esse limite mínimo de deve-se postular – mesmo não sendo possível mensurá-la – uma leitura feminina mais comum do que se pensava. (pp. 80-1)

Em março de 1918 já surgem as primeiras correspondências no “Jardim Fechado”, ainda sem caráter literário, como trocas de confidências de uma leitora, cujo casamento se aproxima.

Em agosto do mesmo ano, o “Jardim Fechado” assume um caráter mais literário, como é possível deduzir da seguinte explicação, localizada na parte superior da página:

Nesta seção publicaremos pequenas comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias, que não excedam de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.

É nosso intuito desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondência útil e interessante. [...] As produções literárias deverão ser assinadas, sem o que não serão publicadas. (MASCARO, 1982, p. 131.)

É possível pensar que a estratégia da *Revista* de publicar, sob o crivo da sua direção, trechos literários das assinantes e de suas cartas sobre os mais variados assuntos, poderia funcionar como uma espécie de garantia da boa qualidade dos textos que ela punha em circulação. Afinal, como já foi mencionado anteriormente, a *Revista* ganha apoio da Igreja Católica, fato bastante propagandeado pelas articulistas do periódico.



Para finalizar, reproduzo, a título de ilustração, o “cupom” publicado praticamente em todas as edições para ser preenchido pelas futuras assinantes. É interessante observar que tal cupom não aparece numa página isolada, mas ao pé de uma página que contém um longo trecho de um romance.

(Inserir figura)

A seção “Jardim Fechado” mantém-se até janeiro de 1927. Depois desta data ela deixa de ser publicada, sem nenhuma nota explicativa.

Considerações Finais

Neste trabalho, ainda em estágio inicial de pesquisa, propus-me começar a investigar a participação efetiva de mulheres na imprensa, hábito que se mantém estável até os dias de hoje.

Elegi a *Revista Feminina* por se tratar tanto de um periódico administrado por mulheres⁸, como também por sua longevidade – 22 anos.

Ao longo do período delimitado em minha pesquisa – 1917/1927 – é notório o envolvimento das assinantes com o periódico: muitas escrevem cartas ou poesias na seção “Jardim Fechado”, mas ainda há outras que fazem longos comentários sobre publicações recentes na seção “Livros Novos”, ou ainda produzem extensas análises sobre feminismo no Brasil e no exterior, sobre a necessidade de trabalho remunerado, etc.

Também é possível supor, numa perspectiva mais maliciosa, que tais cartas não foram produzidas pelas assinantes, mas pelo “corpo editorial” do periódico, que assim acreditava poder angariar maior número de assinantes⁹, uma vez que estavam criando assuntos que consideravam importantes e interessantes para o universo feminino.

Afinal, não há nenhum registro que documente a origem de tais cartas e colaborações, apenas os textos reproduzidos na própria *Revista Feminina*. Como a epistolografia é um gênero que permite a criação de diversos destinatários e remetentes, tal hipótese não parece totalmente inverossímil.

Mesmo que a segunda hipótese se revele mais provável que a primeira, pode-se começar a concluir que havia mais do que 20% de brasileiras alfabetizadas entre 1889 e 1920,

⁸ - A *Revista Feminina* foi fundada por Virgínia de Souza Salles. Depois de sua morte, em 1918, sua filha Avelina de Souza assumiu a direção do periódico.



uma vez que há outras pesquisas semelhantes em outras mídias. Em *Os donos do Rio; imprensa, poder e público*, a autora Marialva Barbosa afirma ser possível localizar, no mesmo período, nos jornais do Rio de Janeiro – *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O País* – colunas de correspondência entre os diários e seus leitores.

Conforme esta pesquisadora, em poucos meses, em 1901, o *Jornal do Brasil* recebeu 182 cartas, entre as quais 31 de trabalhadores e 25 de mulheres. Esses dados começam a configurar o perfil do público leitor de tal jornal no início da década de 1910: trabalhadores, pequenos comerciantes, militares de baixa patente, moradores dos subúrbios e de bairros centrais.

Também há a participação de leitoras de jornais considerados mais populares à época, caso do *Correio da Manhã*, e dos mais tradicionais, como *O País*. Tais dados parecem querer dizer que as mulheres, mesmo as menos abonadas, possuíam habilidade suficiente para se manifestar por escrito e publicamente, tanto em jornais, quanto em periódicos femininos.

Embora não se possa definir a qual classe social pertenciam as colaboradoras de “Jardim Fechado” – caso tenham sido de fato as autoras das cartas –, e ainda não disponha de dados numéricos das colaborações femininas durante os dez anos em que o Jardim Fechado existiu, parto do pressuposto de que por ter a *Revista Feminina* explicitado entre suas preocupações a inclusão de mulheres trabalhadoras¹⁰, é possível que, assim como suas colegas cariocas, elas tenham se manifestado e usufruído do farto material literário veiculado pelo periódico, como contos, romances e poesias.

Apesar de tantas indefinições, é quase certo afirmar que a parcela letrada da população brasileira feminina participou de forma ativa da construção da cultura nacional, apesar da história social ainda não cogitar tal possibilidade.

⁹ - Esta hipótese me foi levantada pela profa. Dra. Sandra Vasconcellos, da Universidade de São Paulo (USP), na XXV Intercom, realizada em Salvador, em 2002,

¹⁰ - Localizei na edição de setembro de 1917 o pedido da construção de uma biblioteca pública feminina, que pudesse abrigar as mulheres que “vivem de empresas diurnas”.



Bibliografia

BARBOSA, Marialva (1998). *Os donos do Rio: imprensa, poder e poder público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura.

BARZOTTO, Valdir Heitor e GHILARDI, Maria Inês (orgs.) (1999). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação da Leitura no Brasil.

BHABHA, Homi (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

BOSI, Alfredo(1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.

CHARTIER, Roger (org.). “Do livro à leitura”. In: *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FARIA CRUZ, Heloísa de (org.) (1997). *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana*. São Paulo, Arquivo do Estado.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina (1996). *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.

MASCARO, Sônia de Almeida Amorim (1982). *A Revista Feminina: imagens da mulher (1914-1930)*. Dissertação de mestrado na área de Ciência da Comunicação/Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (mimeo).

Sites consultados:

http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Didaticos.htm#1853